

Quem me livrará do corpo desta morte?

O grito existencial de Romanos 7:24 à luz da solução cristológica

Mateus Soares Parreiras de Freitas¹

RESUMO

O presente artigo investiga a morte vicária de Jesus Cristo como a única resposta soteriológica e escatológica ao dilema existencial e teológico expresso no clamor de Paulo em Romanos 7.24. A partir da análise de Romanos - e como o "corpo desta morte" (*sōma tou thanátou*) representa a condição de mortalidade e escravidão ao pecado que acompanha o crente nesta vida. A libertação prometida é garantida pela obra substitutiva de Cristo na cruz. A análise se aprofunda na antropologia bíblica do Antigo Testamento, conforme sistematizada por Hans Walter Wolff, e contrasta a visão veterotestamentária da morte com a esperança da ressurreição no Novo Testamento. Além disso, a reflexão sobre a Escatologia da Pessoa de Renold Blank é utilizada para sublinhar a total dependência de Deus na morte, ressoando com o clímax da libertação do fardo carnal. O artigo visa expandir a argumentação, integrando a visão histórica e linguística da morte para estabelecer o contraste entre a inevitabilidade da morte e a esperança da glorificação.

Palavras-chaves: Morte Vicária. Soteriologia. Escatologia. Antropologia Bíblica.

ABSTRACT

This article investigates the vicarious death of Jesus Christ as the only soteriological and eschatological answer to the existential and theological dilemma expressed in Paul's outcry in Romans 7:24. Through an analysis of Romans, it argues that the "body of this death" (*sōma tou thanátou*) represents the condition of mortality and bondage to sin that accompanies the believer in this life. The promised deliverance is guaranteed by Christ's substitutionary work on the cross. The study deepens this understanding through the biblical anthropology of the Old Testament as systematized by Hans Walter Wolff, contrasting the Old Testament view of death with the New Testament hope of resurrection. Furthermore, Renold Blank's *Eschatology of the Person* is examined to emphasize the total dependence on God in death, resonating with the climax of liberation from the carnal burden. The article seeks to broaden the discussion by integrating historical and linguistic perspectives on death to highlight the contrast between its inevitability and the hope of glorification.

Keywords: Vicarious Death. Soteriology. Eschatology. Biblical Anthropology.

¹ Mestrando em Ciências da Religião (UMESP) como bolsista CAPES. Pós Graduado em Teologia Sistemática (FABAT). Graduado em Teologia e Psicologia. E-mail: mateus.freitas@seminariodosul.com.br.

INTRODUÇÃO

A morte, na cosmovisão bíblica, não é um fenômeno natural, mas a consequência direta e inescapável do pecado (Romanos 6:23). Ela se manifesta não apenas no fim da vida física, mas na fragmentação da existência humana, culminando no dilema existencial do crente, perfeitamente encapsulado no clamor do Apóstolo Paulo: "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Romanos 7:24). Este versículo não é apenas uma expressão de angústia, mas um profundo questionamento teológico sobre a possibilidade de libertação da escravidão do pecado e da mortalidade. A luta descrita por Paulo em Romanos 7:14-25, interpretada pela tradição evangélica como a tensão do crente regenerado, revela a persistência de uma natureza carnal (*sarx*) que, mesmo sob a graça, ainda oprime e leva ao desespero. O corpo, neste contexto, não é apenas a matéria física, mas a totalidade do ser humano em sua condição de fragilidade e sujeição à morte.

O presente artigo tem por objetivo analisar a morte vicária de Jesus Cristo como a resposta definitiva e a única esperança cristã para a superação do "corpo desta morte" em Romanos 7:24. Para alcançar este objetivo, serão incorporadas duas dimensões cruciais, como a visão antropológica e tanatológica do Antigo e Novo Testamento, com base na obra de Hans Walter Wolff, para fornecer o substrato bíblico da compreensão da morte e do ser humano; E a perspectiva escatológica e existencial da obra "Escatologia da Pessoa" de Renold Blank², para enriquecer a discussão sobre o que acontece com o ser humano no momento da morte e a natureza da ressurreição.

A relevância desta investigação reside na reafirmação do caráter essencialmente soteriológico da cruz para a experiência cristã, oferecendo um fundamento sólido para a esperança que transcende a luta ética e a fragilidade existencial. A justificação se encontra na necessidade de ancorar a experiência de fé na objetividade da obra de Cristo, contrastando com as tendências contemporâneas que minimizam a seriedade do pecado e a centralidade da expiação.

A pesquisa adota uma metodologia que combina a exegese bíblica (focada em Romanos 7:24-25), a teologia sistemática (visando definir a expiação vicária), a análise

² BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa: Vida, Morte e Ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2000.

antropológica (baseada em Hans Walter Wolff) e a análise bibliográfica. A abordagem é estritamente evangélica, interpretando Romanos 7:24 como a luta do crente regenerado.

1. A VISÃO BÍBLICA DA MORTE: ANTROPOLOGIA DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

Para compreender a profundidade do clamor de Romanos 7:24, é imperativo estabelecer o contexto da visão bíblica da morte, que difere drasticamente do dualismo grego. A Bíblia apresenta o ser humano como uma unidade indivisível, e a morte como a desintegração dessa unidade.

1.1 A Antropologia do Antigo Testamento e a Morte em Hans Walter Wolff

A obra "Antropologia do Antigo Testamento" de Hans Walter Wolff é fundamental para desconstruir o dualismo corpo-alma e resgatar a visão hebraica do ser humano³. Para Wolff (2008), a morte no Antigo Testamento é a desintegração da totalidade do ser humano, que é visto como uma unidade indivisível. O homem não é composto de partes separadas (corpo e alma), mas é uma *nefesh* (ser vivente) em sua totalidade.

A morte é o fim da vida como um todo e é caracterizada pela retirada do *ruach* (sopro de vida) por Deus, e pelo retorno do *basar* (carne/fragilidade) ao pó. A morte é, acima de tudo, a perda da comunhão com o Deus vivo e o fim da existência terrena em sua totalidade. Wolff argumenta que o AT não vê o homem como uma composição de partes separadas, mas como uma totalidade expressa em diferentes aspectos ou modos de existência. Os principais termos hebraicos que definem o ser humano e sua relação com a morte são *nefesh*, *basar* e *ruach*:

Nefesh (נֶפֶשׁ): O Ser Vivente e a Vitalidade O termo *nefesh* é frequentemente traduzido como "alma", mas, na verdade, significa a garganta, o fôlego, a vida e, por extensão, o próprio ser humano em sua vitalidade e necessidade. Wolff enfatiza que o

³ Wolff, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

homem não tem uma *nefesh*, ele é *nefesh*⁴. Significado: Ser vivente, indivíduo, princípio de vida. Implicação para a Morte: A *nefesh* é o que anseia, tem fome e sede. Na morte, o ser vivente se extingue. O AT não concebe uma "alma" imortal que se separa do corpo para viver conscientemente em outro lugar. A morte é a cessação da *nefesh*.

Basar (בָּשָׂר): A Fragilidade da Carne e a Finitude. O termo *basar* é traduzido como "carne" ou "corpo", mas carrega a conotação de fragilidade, efemeridade e dependência. Significado: Carne, corpo, humanidade em sua fraqueza. Implicação para a Morte: O *basar* é a parte do ser humano que se relaciona com a terra e que, por sua natureza, é mortal e perecível. O contraste é sempre feito com Deus, que é Espírito (*ruach*) e não carne (Isaías 31:3). A morte é o retorno do *basar* ao pó. Wolff destaca que o *basar* é o que o homem é diante de Deus e diante da morte⁵.

Ruach (רוּחַ): O Espírito e o Poder de Deus, *Ruach*, significa vento, sopro ou espírito. É a força vital que vem de Deus e que anima o *basar*. Significado: Sopro de vida, espírito, poder divino. Implicação para a Morte: A morte é o momento em que Deus retira o *ruach* (Jó 34:14-15). A vida é uma concessão temporária de Deus. Quando o *ruach* se vai, o *basar* volta ao pó. A morte é, portanto, a perda da vitalidade e da relação com o Deus vivo.

Sheol (שְׁאוֹל): A Morada dos Mortos O destino do ser humano após a morte, no AT, é o *Sheol*, a morada dos mortos. Significado: Submundo, sepultura, o lugar para onde todos, justos e ímpios, descem. Implicação para a Morte: O *Sheol* é um lugar de silêncio e inatividade, onde não há louvor a Deus (Salmos 6:5). Não é um lugar de punição no sentido neotestamentário, mas sim a ausência da vida plena e da presença de Deus.

2. NOVO TESTAMENTO E A ESPERANÇA DA RESSURREIÇÃO

O Novo Testamento (NT) herda a antropologia unitária do AT, mas a revoluciona com a ressurreição de Jesus Cristo. A morte (*thánatos*, *θάνατος*) é redefinida não apenas como um evento biológico, mas como um inimigo derrotado (I Coríntios 15:26).

2.1 *Thánatos* (θάνατος): A Morte como Inimigo e Salário do Pecado

⁴ *Op. Cit.*, WOLFF, 2008.

⁵ *Op. Cit.*, WOLFF, 2008.

O termo grego *thánatos* é o equivalente funcional de morte no NT. No entanto, ele adquire uma conotação teológica mais profunda, sendo a personificação do poder do pecado e do Diabo (Hebreus 2:14). Designa a Morte física, espiritual e eterna. A morte não é mais apenas o fim natural, mas o salário do pecado (Romanos 6:23). A obra de Cristo é definida como a superação deste *thánatos* em suas três dimensões:

Morte Espiritual: Superada pela justificação (*dikaiōsis, δικαίωσις*).

Morte Física: Superada pela promessa da ressurreição (*anástasis, ανάστασις*).

Morte Eterna: Superada pela glorificação (*dóxa, δόξα*).

2.2 *Sōma* (σῶμα) e *Sarx* (σάρξ): Corpo e Natureza Caída

O termo *sōma* no grego do NT mantém a ideia de totalidade e unidade do ser humano. Contudo, Paulo introduz o *sarx* (carne) com uma conotação ética negativa, como a natureza humana caída, em contraste com o *pneuma* (Espírito).

O *Sarx* Paulino: O *sarx* é o princípio que se opõe a Deus. Viver na *sarx* é estar sob a lei do pecado e da morte (Romanos 8:2). O *sarx* é o que faz com que o crente, mesmo querendo fazer o bem (*thelō, θέλω*), não consiga (Romanos 7:18).

Implicação em Romanos 7:24: O "corpo desta morte" (*sōma tou thanátou*) é a totalidade do ser humano submetido ao poder do *thánatos* e à tirania do *sarx*. O clamor não é por uma libertação da matéria, mas da condição de morte que permeia a existência terrena.

3. ROMANOS 7:24 E O CLAMOR PELO LIVRAMENTO

O clamor de Paulo em Romanos 7:24, "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" é o ponto focal da tensão entre a antropologia da morte e a soteriologia da graça.

A interpretação de Romanos 7:14-25 como a luta do crente regenerado é a visão dominante na Teologia Evangélica. O "eu" que se debate é o cristão que, justificado (Romanos 5), agora experimenta a tensão entre a nova natureza no Espírito e o remanescente da carne (*sarx*). O texto demonstra que a Lei (*nómos, νόμος*), embora santa, não tem poder para santificar, apenas para revelar o pecado (*hamartía, ἁμαρτία*).

A luta é uma confissão da incapacidade humana de se autossantificar e um pedido desesperado por um libertador. A Lei revela o pecado, mas não oferece o poder para superá-lo.

3.1 A Estrutura Retórica e a Vontade Dividida

A luta interior é expressa pelo uso repetido dos verbos de vontade. O crente regenerado quer (*thelō, θέλω*) fazer o bem, mas não faz. Ele não quer (ou *thelō, οὐ θέλω*) fazer o mal, mas faz. "Porque o querer (*thelō*) o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo. Pois não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero (ou *thelō*), esse faço" (Rm 7:18-19). Essa tensão é a prova da regeneração, pois o não-crente não tem essa luta. No entanto, é também a prova da persistência do *sarx* e da necessidade de um poder externo.

A identificação do "eu" em Romanos 7:14-25 como o crente regenerado é fundamental para a correta compreensão do clamor em 7:24 e deve ser defendida contra as interpretações que o atribuem ao indivíduo não-regenerado. O cerne da argumentação reside na evidência de que o sujeito que se debate demonstra características impossíveis de serem encontradas em um incrédulo. O apóstolo Paulo, ao descrever essa luta, revela que o "eu" odeia o pecado (v. 15), deseja fazer o bem (v. 19) e, crucialmente, deleita-se na lei de Deus segundo seu ser interior (v. 22). Tais expressões de aversão à iniquidade e de afeição pela vontade divina são, biblicamente, frutos da regeneração operada pelo Espírito Santo (linhas 160-165 do Comentário). A luta descrita, portanto, não é a de um homem que busca a Deus pela primeira vez, mas a de um filho de Deus que, em sua maturidade espiritual, sente com mais intensidade a dissonância entre a nova natureza e o remanescente da carne (*sarx*), provando que o grito de 7:24 é a angústia do santo e não o desespero do pecador.

3.2 Análise da Expressão "Corpo Desta Morte" (*sōma tou thanátou*)

O cerne do clamor está na expressão grega *sōma tou thanátou* (σῶμα τοῦ θανάτου). A tradução literal é "corpo da morte".

Tabela 1: Análise expressão

Elemento	Termo Grego	Significado Exegético	Implicação para
----------	-------------	-----------------------	-----------------

			o Crente
“Corpo”	<i>Sōma (σῶμα)</i>	O ser humano em sua totalidade terrena, sujeito à decadência e ao pecado (<i>sarx</i>).	A luta contra o pecado é existencial, não apenas ética.
“Desta Morte”	<i>Tou Thanátou (τοῦ θανάτου)</i>	A morte (<i>thánatos</i>) em seu sentido pleno: o poder e a penalidade do pecado que ainda se manifestam no corpo.	O pecado remanescente é um fardo mortal, pois sua natureza é a morte.
"Corpo Desta Morte"	<i>Sōma tou thanátou</i>	A condição de mortalidade e o fardo da natureza carnal, sob o domínio do <i>thánatos</i> .	O clamor é por libertação total, que só pode vir de uma fonte externa e superior.

A expressão *sōma tou thanátou* deve ser entendida no contexto da antropologia não é apenas o corpo físico, mas a pessoa em sua condição de mortalidade e sujeição ao pecado remanescente. O clamor é um pedido por redenção total, que só pode ser respondido por Aquele que tem poder sobre a morte.

A profundidade do clamor em Romanos 7:24 é amplificada pela ênfase paulina na "lei do pecado que está em meus membros" (v. 23), uma nuance que solidifica a interpretação do *sōma tou thanátou* como a condição de mortalidade que permeia o ser. Hendriksen destaca a importância da menção aos "membros"⁶, ressaltando que, para Paulo, a comunicação da fé e o serviço a Deus dependiam diretamente dos órgãos físicos – a ligeireza dos pés, a enunciação dos lábios, a agudeza dos olhos. O lamento do apóstolo, portanto, não é apenas metafísico, mas profundamente prático: ele deplora a incapacidade de servir a Deus de forma totalmente desembaraçada, com todas as suas faculdades do

⁶ HENDRIKSEN, William. *Comentário Do Novo Testamento: Romanos*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, p. 554-462, 2014.

corpo e da alma⁷. O "corpo desta morte" é o fardo que impede o crente de realizar o serviço pleno que sua mente (*nous*) deseja, provando que a libertação rogada é a superação da limitação física e da fragilidade inerente à presente condição, sujeita às devastações do pecado e da morte.

O contraste abrupto entre o lamento de Romanos 7:24 e o júbilo de 7:25a ("Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!") não deve ser visto como uma contradição, mas como a resposta imediata e certa que transforma a angústia em triunfo. Hendriksen⁸ (ressalta que o grito de Paulo, embora pungente, não provém do desespero, mas da agonia (sofrimento produzido por esforço extenuante) de tentar viver em completa harmonia com a vontade de Deus, indo de fracasso em fracasso⁹. A exclamação de gratidão, portanto, é a confissão de que a solução para a luta não reside no esforço humano, mas na obra consumada de Cristo. Essa transição serve como uma introdução apropriada para Romanos 8:1, pois a certeza da libertação do "corpo desta morte" é a certeza da ausência de condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus¹⁰. A Morte Vicária de Cristo, ao quebrar o poder legal do pecado, garante que a luta atual terá um fim glorioso, onde o conflito estará terminado e o pecado terá sido para sempre deixado para trás¹¹.

4. A MORTE VICÁRIA DE CRISTO COMO RESPOSTA SOTERIOLÓGICA

A resposta ao clamor de Paulo é imediata e enfática: "Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!" (Romanos 7:25a). A libertação do "corpo desta morte" é garantida pela obra de Cristo, cuja essência é a Expição Vicária (Substituição Penal).

4.1 Fundamentos da Expição Vicária

A Expição Vicária (*hilastērion*, ἱλαστήριον - propiciação) é o ato de Cristo que satisfaz a justa ira de Deus contra o pecado, transformando a ira em favor. A morte de Cristo foi:

Substituição (*antí, αντί*): Cristo morreu em nosso lugar (vicariamente), tomando

⁷ HENDRIKSEN, p. 618-620, 2014.

⁸ *Op.Cit.*

⁹ HENDRIKSEN, p. 634-638, 2014

¹⁰ HENDRIKSEN, p. 700-702, 2014.

¹¹ HENDRIKSEN, p. 649-651, 2014.

para Si a penalidade que era devida a nós.

Propiciação (*hilastērion*): Sua morte satisfaz a justa ira de Deus contra o pecado.

Redenção (*apolytrōsis, ἀπολύτρωσις*): Ele pagou o preço para nos resgatar da escravidão do pecado e da morte.

A Morte Vicária é o ato que quebrou o poder legal do pecado. Cristo, ao morrer, cumpriu a exigência da Lei (a morte como salário do pecado), permitindo que o crente seja justificado (*dikaiōō, δικαιόω*) e declarado justo, mesmo que o pecado ainda persista em sua experiência (Romanos 8:1).

4.2 A Eficácia da Morte de Cristo e a Certeza da Libertação

A doutrina da eficácia definida da expiação, defendida por John Owen [], é vital para a esperança cristã. Se a Morte Vicária é eficaz, a libertação do "corpo desta morte" é uma certeza, e não uma possibilidade. "A morte de Cristo não foi uma mera possibilidade de salvação para todos, mas uma aquisição real e específica de todos os benefícios da Nova Aliança para os eleitos... [Ela] destrói a morte para aqueles por quem Ele morreu"¹².

Esta certeza transforma o desespero do "Miserável homem que eu sou!" em um hino de triunfo. A libertação do *sōma tou thanátou* não depende do esforço do crente (a luta de Romanos 7), mas da obra consumada de Cristo (a vitória de Romanos 8).

4.3 A Transição: A Vida no Espírito

O Espírito Santo (*Pneuma, Πνεῦμα*), dado ao crente por causa da obra vicária de Cristo, é o agente da superação: "Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte" (Romanos 8:2).

O Espírito como Penhor (*Arrabōn, Ἀραβών*): O Espírito Santo é o penhor ou a garantia da nossa herança (2 Coríntios 1:22; Efésios 1:14). Ele é a prova de que a Morte Vicária de Cristo foi eficaz e que a libertação final do *sōma tou thanátou* é certa.

Santificação (*Hagiasmós, Ἁγιασμός*): A superação do "corpo desta morte" se

¹² OWEN, 2008.

manifesta no processo de Santificação. O Pneuma capacita o crente a "fazer morrer as obras do corpo" (Romanos 8:13). A luta de Romanos 7 é transformada na vitória progressiva de Romanos 8.

5 A ESCATOLOGIA DA PESSOA E A SUPERAÇÃO FINAL DA MORTE

A libertação final do "corpo desta morte" é escatológica. A Morte Vicária de Cristo garante a ressurreição do corpo. Neste ponto, a reflexão sobre a Escatologia da Pessoa de Renold Blank¹³ ganha relevância, ao rejeitar o dualismo grego e enfatizar a totalidade da pessoa.

5.1 A Morte como Transformação e a Unidade da Pessoa

Blank (2000), assim como Wolff¹⁴, critica o modelo antropológico dualista de uma alma que se separa do corpo. Ele afirma que a Bíblia apresenta um modelo não dualista do homem, e que a antropologia bíblica vê o homem como uma unidade substancial. De acordo com o autor a Bíblia apresenta um modelo não dualista do homem... O homem dentro da antropologia bíblica... Quando a Bíblia usa o termo 'alma', ela o faz dentro de uma perspectiva integradora, e não a partir de um modelo dualista grego¹⁵. Esta visão de Blank corrobora a análise de Wolff sobre o *nefesh* e o *basar*, onde o ser humano é visto como uma unidade indivisível. A morte, portanto, atinge a pessoa em sua totalidade. Blank argumenta que a morte não é uma aniquilação, mas uma transformação do ser humano em sua totalidade

5.2 A Total Dependência de Deus na Morte: O Grito da Pobreza

O ponto mais ressonante com Romanos 7:24 é a descrição sobre a morte como o momento da total dependência de Deus. Blank descreve a morte como a situação em que o ser humano é reduzido à pobreza (Unidade IV), onde toda autossuficiência é aniquilada. "Na morte, o homem deve tornar-se pobre perante Deus... Entregar-se a Deus, aceitando

¹³ BLANK, 2000.

¹⁴ WOLFF, 2008.

¹⁵ BLANK, 2000.

seu amor... No seu primeiro encontro com Deus, o homem deve realizar um ato de fé¹⁶. O clamor de Paulo, "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará...", é o grito da pobreza existencial. A resposta, "Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!", é o ato de fé que se realiza na entrega total à salvação vicária. O "corpo desta morte" é o fardo da autossuficiência que é finalmente removido pela graça.

5.3 Glorificação (*Dóxa*): A Superação Final

A libertação final do "corpo desta morte" é escatológica e se consuma na dóxa (glória). A Morte Vicária de Cristo garante a ressurreição do corpo (*anástasis*). O corpo, que hoje é mortal (*thnētós, θνητός*) e sujeito à decadência, será transformado em um corpo glorificado (I Coríntios 15:42-44).

Tabela 2

Estágio da Salvação	Relação com a Morte Vicária	Superação do "Corpo Desta Morte"
Justificação (<i>Dikaiōsis</i>)	Livramento da Penalidade do Pecado.	Livramento da condenação da Morte Eterna (Rm 8:1)
Santificação (<i>Hagiasmós</i>)	Livramento do Poder do Pecado	Superação progressiva da escravidão do pecado (Rm 8:13)
Glorificação (<i>Dóxa</i>)	Livramento da Presença do Pecado	Superação final da Morte Física e da mortalidade

A Morte Vicária de Cristo garante que o thánatos é totalmente absorvido pela vitória (1 Coríntios 15:54). A esperança cristã é a certeza de que a pessoa em sua totalidade (*sōma*) será resgatada e glorificada, superando para sempre o fardo do *sōma tou thanátou*.

¹⁶ BLANK, 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo demonstrou que o clamor de Romanos 7:24, "Quem me livrará do corpo desta morte?", é um profundo questionamento teológico enraizado na antropologia holística do Antigo Testamento (Wolff) e na experiência do sarx paulino. O "corpo desta morte" (*sōma tou thanátou*) é a totalidade do ser humano sob o domínio do *thánatos*.

A resposta é enfática e singular: a Morte Vicária de Jesus Cristo. Sua morte substitutiva e propiciatória removeu a penalidade do pecado e quebrou o seu poder. A libertação é aplicada pelo Espírito Santo (Pneuma) no processo de santificação (*hagiasmós*) e será consumada na glorificação (*dóxa*). A reflexão reforça a ideia de que a morte é um ato de total dependência de Deus, um ato que só é seguro pela obra consumada de Cristo. A esperança cristã não é a fuga da matéria, mas a redenção e transformação do *sōma* para a glória eterna. A certeza da Morte Vicária transforma o desespero do "Miserável homem que eu sou!" em uma proclamação de vitória: "Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!" (Romanos 7:25a).

REFERÊNCIAS

- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: LPC, 1990. (Baseado na primeira edição da LPC, conforme pesquisa.)
- BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa: Vida, Morte e Ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. (Ano de publicação completado com base na pesquisa.)
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999. (Ano de publicação completado com base na pesquisa da primeira edição em português.)
- HENDRIKSEN, William. *Comentário Do Novo Testamento: Romanos*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2014.
- OLIVEIRA, Renato Alves de. *A Teologia da Morte*. São Paulo: Edições Loyola, 2023. (Informações completadas com base na pesquisa.)
- OWEN, John. *A Morte da Morte na Morte de Cristo*. São Paulo: PES, 2008.
- PACKER, J. I. *A Morte de Cristo*. São Paulo: Vida Nova, 1990. (Ano de publicação estimado com base nas primeiras edições da editora Vida Nova para o autor.)
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.